

OS CAMINHOS DA DEFICIÊNCIA E A INCLUSÃO

BENTO, J.¹, POERSCH, L. A.², MARTINS, C. S. L.³

¹ Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Bagé – RS – Brasil – juliabento20@hotmail.com

² Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Bagé – RS – Brasil – laurenapoersch@gmail.com

³ Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Bagé – RS – Brasil – claudeteslm@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, tem como objetivo analisar quais as barreiras pedagógicas e atitudinais enfrentadas por uma aluna com deficiência auditiva, e como estas influenciam no seu processo de inclusão. Sendo realizada no 2º semestre de 2018, de agosto à outubro, em uma escola pública no município de Bagé- RS. Como instrumento de pesquisa utilizou-se um diário de observação e foram realizadas entrevistas previamente elaboradas com alguns professores, colegas, direção e a própria aluna. Após os dados coletados, realizou-se a análise com base nos estudos de Carvalho (2008) que traz reflexões acerca das barreiras pedagógicas e atitudinais que afetam o processo de escolarização dos alunos com deficiência, especialmente dos com deficiência auditiva que evidenciam dificuldades para comunicar-se e integrar-se ao ambiente escolar, devido as suas limitações. A partir da realização deste trabalho verificou-se que as barreiras atitudinal e pedagógica enfrentadas pela aluna, centra-se na ausência de planejamento adaptado as suas especificidades e na comunicação, que prejudica a efetivação de trabalhos em grupos. Logo conclui-se que há um despreparo da escola com relação ao acolhimento desta aluna, pois a inclusão se trata de garantir ao sujeito seu direito a educação inclusiva de qualidade, promovendo meios de efetivar sua escolarização. Assim sendo a escola demonstra ainda não promover estratégias que auxilie sua comunicação com os professores e principalmente os colegas, essencial para o desenvolvimento da sua autonomia, inclusão e efetiva escolarização.

Palavras-chave: Barreiras, acessibilidade, comunicação, educação inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma atividade de ensino, realizada na componente curricular de educação inclusiva do curso de Licenciatura em Química, oferecido pela Universidade Federal do Pampa, onde realizou-se um projeto de investigação sobre o processo de inclusão de uma aluna com deficiência auditiva. A presente pesquisa tem como objetivo analisar quais as barreiras pedagógicas e atitudinais enfrentadas por uma aluna com deficiência auditiva, e como estas influenciam no seu processo de inclusão e escolarização.

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, realizou-se no 2º semestre de 2018, de agosto à outubro, em uma escola pública no município de Bagé- RS. O acompanhamento desta aluna acontece a alguns meses, inicialmente frequentava uma escola municipal, atualmente está cursando o 3º ano do Ensino Médio em uma escola Estadual, que constitui o campo de pesquisa. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um diário de observação e entrevistas previamente elaboradas realizadas com a direção, determinados professores, alguns colegas e a própria aluna. Após os resultados obtidos na coleta de dados realizou-se a análise do conteúdo dos elementos com base nos estudos de Carvalho (2008) que traz reflexões acerca das barreiras pedagógicas e atitudinais que afetam o processo

de escolarização dos alunos com deficiência, especialmente dos com deficiência auditiva que evidenciam dificuldades para comunicar-se e integrar-se ao ambiente escolar, devido as suas limitações

A aluna, sujeito do estudo de caso, apresenta deficiência auditiva, desde o nascimento, estando em estágio profundo. Seus pais são muito presentes, característica que se apresenta como uma motivação, pois sempre à influenciaram nunca permitindo que pensasse na possibilidade de desistir. A aluna em alguns momentos, segundo os pais, percebeu a sua deficiência como um impasse, em conversa os responsáveis mencionaram que em um momento de desabafo ela disse que: - A sociedade julga que o ser humano só é considerado normal, se eles ouvirem, andarem e se comunicarem, onde eu me encaixo aqui?

Afetados com o desabafo, que ocorreu ainda na infância, optaram por motivá-la ainda mais, mostrando que o importante era ser feliz e não “normal” e que haveriam outras formas de se comunicar. O fato aconteceu no Ensino Fundamental, onde enfrentou suas maiores barreiras, durante o processo de alfabetização. Os responsáveis relataram que ela demonstrou maior dificuldade durante o Ensino Fundamental, na aprendizagem comum envolvendo os processos de letramento e alfabetização, onde o aluno aprende a ler e escrever pelo método oral, ou seja, pronunciando as letras primeiramente, depois as sílabas, as palavras e assim por diante, uma metodologia que não era flexível ou acessível as suas limitações, exercícios que não poderiam ser realizados por ela.

Após esse breve relato das dificuldades enfrentadas por um sujeito, que muitas vezes teve seu direito a educação inclusiva de qualidade “negado” pela falta de flexibilidade do currículo e processos de ensino-aprendizagem adequados às suas especificidades. Evidenciando-se a necessidade de discutirmos a inclusão, agora no Ensino Médio, de alunos com deficiência auditiva, verificando quais as barreiras enfrentadas nesta etapa da Educação Básica e quais as estratégias propostas pela escola para removê-las.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A presente pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, realizou-se no 2º semestre de 2018, de agosto à outubro, em uma escola Estadual de Ensino Médio no município de Bagé- RS, que constitui o campo de pesquisa, de acordo com Gil (2010) “os estudos de caso requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. Isto é importante para garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto [...]” (p. 119), optou-se então por essa metodologia pela flexibilidade da coleta de dados, sem perder o rigor metodológico, proporcionando ao pesquisador profunda imersão no contexto pesquisado.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um diário de observação e entrevistas previamente elaboradas com a direção, determinados professores, alguns colegas e a própria aluna com deficiência auditiva, sujeito do estudo de caso, afim de verificar as interações estabelecidas em sala de aula entre ela, os colegas e a intérprete de libras a quem demonstra “apego”. A entrevista realizada com a aluna contou com a mediação da Intérprete de Libras, a fim de verificar e compreender quais as barreiras enfrentadas por ela.

Após os resultados obtidos na coleta de dados realizou-se a análise do conteúdo dos elementos, com base nos estudos de Carvalho (2008) que traz reflexões acerca das barreiras pedagógicas e atitudinais que afetam o processo de escolarização dos alunos com deficiência, especialmente dos com deficiência auditiva

que evidenciam dificuldades para comunicar-se e integrar-se ao ambiente escolar, devido as suas limitações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com uma aluna de 18 anos, matriculada no 3º ano em uma escola Estadual de Ensino Médio, localizada no município de Bagé-RS, caso este analisado durante o mês de agosto à outubro do corrente ano.

Assim como no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, outras barreiras foram enfrentadas, como nos trabalhos em grupo onde demonstra dificuldade de se integrar, não por preconceito dos colegas, mas por falta de conhecimento dos mesmos que não são bilíngues, ou seja, além da língua portuguesa terem conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Evidenciando-se a necessidade de proporcionar o ensino de Libras nas escola, oportunizando a comunidade escolar conhecimentos que facilitariam sua interação com os colegas com deficiência.

Carvalho (2008) define as barreiras atitudinais como a forma que os professores percebem a diversidade. "Como elemento que enriquece o desenvolvimento social e pedagógico dos alunos ou como um entrave à sua prática pedagógica planejada para turmas homogêneas?" (p.58). Percebesse que se atrela a como o docente percebe esse aluno, se procura em se aproximar e criar estratégias para sua inclusão e aprendizagem ou se o considera um empecilho para o desenvolvimento da aula.

As barreiras pedagógicas definem-se como aulas expositivas, centradas no educador, sem estratégias participativas como trabalhos em grupo ou cooperativos, que busquem a troca de experiência entre os seus integrantes. Ausência de currículo adaptado e projeto político pedagógico pensado na diversidade de saberes, limitações e contextos (CARVALHO, 2008)

Tendo em vista esses conceitos, a partir dos dados coletados verificamos que a escola busca maneiras de se adaptar e promover conforto à aluna, deixando-a mais a vontade possível, porém nem sempre a escola tem condições de alcançar exatamente o seu objetivo, de incluí-la. A intérprete relata que a mesma não enfrenta dificuldades impostas por barreiras físicas que possam influenciar seu processo de aprendizagem, pois a escola possui acessibilidade física, todavia a aluna demonstra dificuldade em aulas específicas, que evidenciam ainda não ser flexíveis e acessíveis. Na área da matemática, por exemplo, a aluna busca maneiras de se envolver nas atividades com foco no raciocínio lógico, mas percebe-se claramente a imposição de barreiras, pedagógicas e atitudinais, por parte da professora, que não procura uma especialização ou suporte metodológico para o ensino de sua área, mantendo-se afastada, deixando a cargo da intérprete explicar o conteúdo, todavia a mesma só esta ali para mediar a comunicação entre a aluna deficiente com o meio, não para transmitir o conteúdo das disciplinas, que muitas vezes não são do seu conhecimento. Carvalho (2008) questiona "Como os portadores de deficiência estão no imaginário dos educadores e de seus colegas de escola?" (p.58). Fazendo-nos refletir sobre quais movimentos estão sendo envolvidos, será da aceitação, tolerância ou na crença de suas potencialidades (CARVALHO, 2008).

Quando analisamos pelos olhos dos "afetados" o desenvolvimento da aluna, como na disciplina de português, onde a professora relatou ter observado grande evolução. Apesar das dificuldades enfrentadas no período de alfabetização, ela evidencia facilidade na aprendizagem dessa matéria, fazendo uso da visão, conseguindo concentrar-se por longos períodos, pois não dispersa-se com os ruídos exteriores, ou seja, é como se fosse um ponto a favor, que facilita sua aprendizagem.

Apresenta ainda grande interesse e “afeto” pela leitura, diz ela que desenvolvida pela influência de uma professora, sendo sua área de maior identificação a linguagem.

Em entrevista com alguns professores, percebeu-se que tanto a escola quanto os docentes, apresenta barreiras atitudinais e pedagógicas, pois a escola não proporciona formação continuada aos profissionais, nem adequação do seu currículo as particularidades da aluna, apesar de haver a interprete de Libras é preciso também que os professores busquem adequar os planejamentos as suas especificidades, pois para haver inclusão não basta o sujeito estar matriculado na escola comum, mas ter acesso aos conhecimentos trabalhados estando em constante interação com o grupo. Percebe-se ainda resistência para sair da zona de conforto, pode-se dizer então que os envolvidos não acreditam que possam influenciar no processo de ensino-aprendizagem daquela aluna, pois ao aprovar um aluno, sabendo que não possuiu os conhecimentos necessários poderá prejudicá-lo, porque futuramente sentirá falta daquele “não aprendido”. Conceito esse ainda arraigado na crença de não ser necessário modificar a forma de lecionar por não ter formação específica para trabalhar com alunos com deficiência, pois, “[...] é preciso pensar em todos os alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento e que vivenciam o ensino-aprendizagem segundo suas diferenças individuais” (CARVALHO, 2008, p.61).

4 CONCLUSÃO

A pesquisa buscou analisar quais as barreiras pedagógicas e atitudinais enfrentadas por uma aluna com deficiência auditiva, e como estas influenciam no seu processo de inclusão. A partir das observações e das entrevistas, realizou-se a análises dos dados, concluiu-se então que as barreiras pedagógicas e atitudinais evidenciadas, estão relacionadas aos docentes e a escola, pois o que enfatiza esta afirmação é o estado de inércia em que encontram-se, justificado pela falta de formação específica para trabalhar com educação especial, deixando a cargo do aluno com deficiência a responsabilidade de encontrar meios para se adaptar ao ambiente e às aulas tradicionais, tentando eximirem-se da responsabilidade de flexibilizar e adaptar o currículo, a metodologia e os planejamentos de acordo com as particularidades da aluna.

Observou-se então que a escola e os docentes ainda tem um longo caminho a seguir para alcançar o propósito da educação inclusiva, devendo reestruturar o currículo e rever as metodologias de ensino-aprendizagem. Entretanto quando pensa-se em buscar novas estratégias para a real inclusão dos alunos com deficiência, deve-se enxergar através dos olhos daquele que sente na pele, diariamente, as dificuldades que a falta de acessibilidade e inclusão social. Sabedores que somos que é possível construirmos uma nova educação pautada na equidade e mútuo respeito as diferenças, desde que a escola, os docentes e a comunidade escolar estejam dispostos a colaborar na busca pelo direito a educação inclusiva de qualidades, para todos, pois aquilo que pra uns pode parecer comum, para outros é um degrau a mais que faz diferença.

Apesar das barreiras aqui descritas, a aluna fez uso da leitura como motivação, contudo cabe a escola priorizar estes alunos, motivá-los a se sentirem parte integrante da comunidade escolar, incluídos na sociedade, com limitações e potencialidades, como qualquer um. Por fim, percebemos que essa pesquisa contribuiu para compreendermos que a inclusão é possível, porém que falta é a busca por transformações através de formações continuadas, planejamentos flexíveis e

reestruturação curricular, para que as legislações vigentes destinadas a inclusão de alunos com deficiência saíam do papel e sejam efetivadas, contribuindo com os mais afetados, muitas vezes esquecidos pelo descaso.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Removendo barreiras para aprendizagem*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.